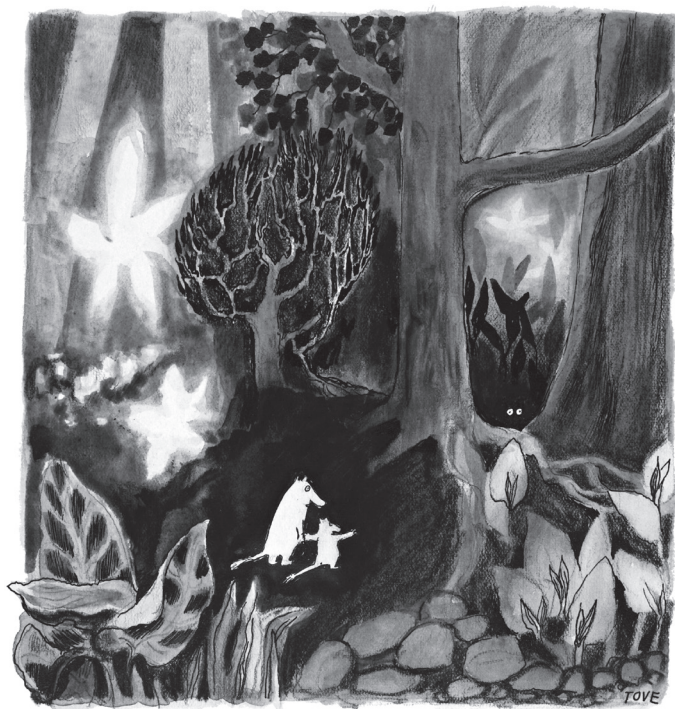




A tarde já devia ir bem adiantada naquele dia de fim de agosto quando o Mumintroll e a sua mãe chegaram à parte mais profunda da grande floresta. O silêncio era total e tudo estava tão sombrio por entre as árvores que era como se o crepúsculo já tivesse caído. Aqui e ali, cresciam flores gigantes, brilhando com uma luz peculiar, como lâmpadas cintilantes, e, lá mais para longe, entre as sombras, moviam-se pequenos pontos de um verde frio.

“Pirilampos”, disse a Mamã Mumin, mas não tinham tempo para parar e olhá-los mais de perto. Iam em busca de um sítio aconchegado e quente onde pudessem construir uma casa para se abrigarem quando o inverno chegasse. Os Mumins não se dão nada bem



com o frio, portanto a casa teria de estar pronta em outubro, o mais tardar.

Por isso, seguiram o seu caminho, penetrando cada vez mais no silêncio e na escuridão. A pouco e pouco, o Mumintröll começou a sentir-se ansioso e perguntou à mãe, num murmúrio, se ela achava que haveria criaturas perigosas por ali. “Eu diria que não”, disse ela, “embora, em todo o caso, talvez não seja pior an-

darmos um bocadinho mais depressa. Mas espero que, por sermos tão pequenos, não deem por nós, se alguma coisa perigosa aparecer por aí.”

De repente, o Mumin troll agarrou com força o braço da mãe. “Olha!”, disse ele, tão assustado que a sua cauda ficou completamente eriçada. Por entre as sombras, atrás de um tronco de árvore, dois olhos olhavam-nos fixamente.

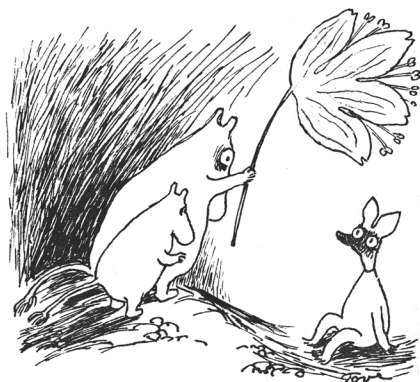
A princípio, a Mamã Mumin também se assustou, mas depois disse em tom tranquilizador: “Na verdade, é apenas um animalzinho muito pequenino. Espera que eu já o ilumino. Tudo parece pior no escuro, sabes?”

E assim ela pegou numa das grandes flores reluzentes e usou-a para iluminar a sombra. Então, viram que de facto estava ali sentado um animalzinho muito pequenino, que parecia amigável e um pouco assustado. “Pronto, estás a ver?”, disse a Mamã Mumin.

“Que espécie de coisa são vocês?”, perguntou o animalzinho.

“Eu sou um mumin troll”, respondeu o Mumin troll, que já tivera tempo para se sentir outra vez corajoso. “E esta é a minha mãe. Espero que não te tenhamos incomodado.” (Por aqui já se pode ver que a mãe o tinha ensinado a ser bem-educado.)

“Não incomodaram nada”, disse o animalzinho. “Estava aqui sentado a sentir-me bastante triste e ansioso



por companhia. Estão com muita pressa?”

“Sim, estamos”, disse a Mamã Mumin. “Sabes, estamos à procura de um sítio agradável e com muito sol para podermos construir uma casa. Mas talvez queiras vir connosco?”

“Se quero!”, disse o animalzinho, saltando para junto deles. “Eu tinha-me perdido e pensava que nunca mais voltaria a ver o sol!”

Então continuaram todos três por ali fora, levando consigo uma grande tulpipa para lhes iluminar o caminho. Mas em volta deles a escuridão tornava-se cada vez mais densa, debaixo das árvores as flores brilhavam de forma mais ténue e, por fim, a última de todas também se apagou. Diante deles reluzia uma extensão negra de água e o ar estava pesado e frio.

“Oh, que horror”, disse o animalzinho. “Isso é o pântano. Não me atrevo a ir para aí.”

“Porque não?”, perguntou o Mumintroll.

“Porque é aí que vive a Grande Serpente”, disse o animalzinho numa voz muito baixinha, olhando em seu redor em todas as direções.

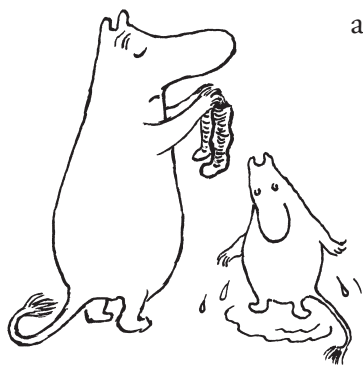


“Bah!”, disse o Mumintroll, tentando mostrar como era corajoso. “Nós somos tão pequeninos que ninguém ia reparar em nós. Como é que havemos de encontrar a luz do Sol se não nos ativermos a atravessá-lo? Anda mas é daí conosco.”

“Talvez só uma parte do caminho”, disse o animalzinho. “Mas tenham cuidado. É à vossa responsabilidade!”

E assim começaram a dar grandes passadas de tufo em tufo, tão silenciosamente quanto conseguiam. A lama negra borbulhava e sussurrava em redor deles, mas, enquanto a lâmpada da tülipa continuasse acesa, eles continuariam a manter a calma. A dada altura, o Mumintroll escorregou e quase caiu para o pântano, mas a mãe agarrou-o mesmo no último momento.

“Vamos ter de continuar de barco”, disse ela. “Agora ficaste com os pés molhados. Ainda vais apanhar um resfriado.” Tirou então um par de meias secas de dentro da mala e ajudou o Mumintroll e o animalzinho



a subirem para uma grande folha de nenúfar. Os três mergulharam as caudas na água como se fossem remos e rumaram bem ao centro do pântano. Abaixo deles, havia criaturas escuras que nadavam para dentro e para fora por entre as raízes das árvores, ouviam-se coisas a chapinhar

e a mergulhar, e a neblina começou a envolvê-los. De súbito, o animalzinho disse: “Quero ir para casa já!”

“Não tenhas medo, animalzinho”, disse o Mumin-troll em voz trémula. “Vamos cantar qualquer coisa alegre e...”

Nesse preciso momento, a tília deles apagou-se e ficaram completamente às escuras. Do meio da escuridão chegou-lhes um som sibilante e sentiram a folha de nenúfar a oscilar para cima e para baixo. “Rápido, rápido!”, gritou a Mamã Mumin. “A Grande Serpente vem aí!”

Mergulharam as suas caudas ainda mais para o fundo e remaram com todas as suas forças fazendo a água revolver-se em torno da proa. Nesse momento conseguiram ver a Serpente a nadar atrás deles. Tinha um ar feroz e os seus olhos eram amarelos e cruéis.